

RECUPERAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO PARQUE DO FLAMENGO

Haruyoshi Ono

Arquiteto-paisagista



PROJETO

RESUMO

Palestra proferida no ENEPEA-2000, pelo arquiteto paisagista Haruyoshi Ono, versando sobre o processo de restauração do Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro, então em processo de restauração. Divide-se o artigo em duas partes: a primeira apresenta um painel do parque, sua formação e porte; e a segunda apresenta as medidas de restauração, então em andamento.

ABSTRACT

This paper is about the contents of a conference gave by the landscape architect Haruyoshi Ono in the ENEPEA-2000.

It have two main parts: the first describe the park and its history end the second presents it's restoration process in the end of the 20th century.

RECUPERAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO PARQUE DO FLAMENGO

As obras do Parque do Flamengo no Rio de Janeiro foram iniciadas em 1951 com o aterro da Glória e do Flamengo, e concluído em 1962.

Para isso foram utilizados cerca de 8 milhões de m³ de terra trazida do desmonte do Morro de Santo Antônio, o que possibilitou a criação de uma área de 1.251.244, 20 m².

O objetivo desse aterro era a construção de quatro vias expressas que fariam uma ampla ligação viária entre a zona sul e o centro.

Por influência de Maria Carlota de Macedo Soares, o então governador Carlos Lacerda decidiu pela criação de um parque contendo uma área de lazer para a população carioca, implantando apenas duas vias para veículos.

Para o planejamento e a orientação das obras arquitetônicas, especialmente projetadas, foi criado um grupo de trabalho sob a direção de Lota. Neste grupo figuravam urbanistas e arquitetos como Affonso Eduardo Reidy, Jorge Machado Moreira, Carlos Werneck de Carvalho, Hélio Mamede, Sérgio Bernardes; a engenheira Berta Leitchic; o botânico Luiz Emygdio de Mello Filho; e o paisagista Roberto Burle Marx. Este grupo atuou até 1964, ano da inauguração do parque.

A execução da obra foi deixada a cargo do Departamento de Urbanização da Superintendência de Urbanização e Saneamento do Estado da Guanabara – SURSAN.

Em julho de 1965 o Parque do Flamengo foi tombado pelo DPHAN, e em janeiro de 1995, tombado pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro. (Projeto de Lei n. 712, sancionado em 04/01/95 pelo Decreto n. 2287 da CMRJ).

Localizado geograficamente em uma situação privilegiada, pois está perto das zonas sul, centro e norte, o parque é cortado por duas vias para automóveis com quatro pistas cada uma, facilitando o escoamento



Foto 1 – Arquivo: Projeto Quapá – Vista geral do aterro
Crédito: Sílvio S. Macedo

mento dos moradores da zona sul para a cidade, assim como seu retorno.

No projeto original as áreas de **parqueamento** foram localizadas na periferia, evitando-se, desta forma, o veículo dentro do parque, para não prejudicar a tranqüilidade e o aproveitamento da comunidade na sua atividade de lazer.

Sete (7) **passarelas** sobre as pistas e três (3) amplas **passagens subterrâneas** fazem a ligação do parque à zona urbana. É por onde o público transpõe as pistas com segurança.

Internamente foi criada uma **pista de concreto**, com 5 m de largura, percorrendo todo o parque. A idéia original era que este caminho servisse para a circulação de um trenzinho que transportaria cerca de 100 passageiros e que à noite fosse utilizado também como rua de serviços. Atualmente este caminho é utilizado para pedestres e ciclistas.

O parque se caracteriza por extensas **áreas gramadas** com relevos formando pequenas ondulações, e com caminhos sinuosos, ensai-brados, que percorrem toda a sua extensão, ligando as diversas áreas de lazer à praia criada artificialmente.



Foto 2 – Parque do Flamengo – Equipamentos infantis
Crédito: Autor



Foto 3 – Parque do Flamengo – Equipamentos infantis
Crédito: Autor

Ao longo do parque estão distribuídos espaços para piquenique, áreas de estar com mesas e bancos; campos esportivos para futebol, tênis, basquete e vôlei; pistas para aerodelismo e um tanque para modelismo naval, além de algumas pequenas construções como um teatro de arena, um teatrinho para fantoches e marionetes (projetado pelo arquiteto Carlos Werneck), um coreto para concertos ao ar livre e dois pavilhões para *playground*, estes últimos projetados pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy.

No decorrer do tempo foram acrescentadas algumas construções como o Monumento a Estácio de Sá, projeto do arquiteto urbanista Lúcio Costa, o restaurante Rio's, do arquiteto Marcos Konder Neto, e a Marina da Glória, do arquiteto Amaro Machado.

A Marina da Glória foi construída (1976) em um terreno de 105.890 m², cedido sob regime de aforamento ao município do Rio de Janeiro, por decreto federal de 1979 (2/7/1979). Nesta área, inicialmente, em 1969, havia sido elaborado um projeto que abrigaria um aquário público com peixes de água doce e salgada, e um sombral com passarelas elevadas, no qual os usuários poderiam passar sobre a vegetação, conhecendo a flora nativa.

Foto 4 – Parque do Flamengo – Canteiro junto ao Morro da Viúva
Crédito: Autor



Unindo os diversos equipamentos, foram projetados grupos de vegetação, em que se teve o cuidado na escolha de espécies com florações sazonais, de maneira a assegurar flores durante todo o ano.

Para enfatizar a forma e a coloração dessas florações, a vegetação foi disposta em grandes conjuntos de mesma espécie. Foi também dado ênfase na especificação das palmeiras, tanto as nativas como as exóticas.



*Foto 5 – Parque do Flamengo –
Canteiros elaborados
Crédito: Autor*

É necessário ressaltar que para se chegar a este resultado, foi de grande importância a criação de um horto no início dos trabalhos, pois foi lá que as diversas espécies trazidas de várias regiões do Brasil se aclimataram.

Nas grandes construções como o Museu de Arte Moderna, o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, o Complexo Aquário-Sombral na Enseada da Glória (este não construído) e o restaurante situado próximo ao Morro da Viúva, foram projetados jardins mais elaborados, utilizando canteiros com arbustos e ervas, esculturas, espelhos d'água e fontes.

Apesar de tombado pelo Patrimônio Nacional e pelo município, até 1999 o parque se encontrava carente de cuidados. A dificuldade de manutenção e a falta de consciência ecológica dos frequentadores, muitas vezes, acarretaram perda de espécies botânicas e a depredação do seu mobiliário urbano.

A partir de outubro de 1997, coordenados pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, iniciamos a elaboração do Projeto de Recuperação e Revitalização do Parque e da Praça Salgado Filho, em frente do Aeroporto Santos Dumont. Este projeto visava, além de recuperar as áreas degradadas, atualizar as funções e o uso do parque, analisando e enfocando cada equipamento. Todas as propostas apresentadas eram submetidas à análise de uma comissão multidisciplinar criada pela prefeitura.

Primeiramente, fizemos um diagnóstico de toda a vegetação e dos elementos construídos existentes a partir do projeto original, da década de 60, e de um levantamento topográfico atual. Foram utilizados também levantamentos fotográficos, consulta a diversas fontes bibliográficas, visitas de campo em dias e horários diversificados, avaliação de usos atuais, do estado de conservação das espécies vegetais e do mobiliário urbano, conhecimento das principais reivindicações apresentadas pela comunidade e, principalmente, consulta ao Inventário Florístico do Parque do Flamengo, realizado em junho de 1992, sob a coordenação do professor Luiz Emygdio de Mello Filho e por iniciativa da Associação dos Moradores e Amigos do Flamengo.

Como conclusão, foi constatado, de uma maneira geral, alguns principais pontos:

- descaracterização do projeto original, principalmente no que diz respeito às espécies vegetais, com a introdução e a falta de reposição dos elementos mortos;



Foto 6 – Parque do Flamengo – Jardins do Museu de Arte Moderna
Crédito: Autor



Foto 7 – Parque do Flamengo – Jardins do Museu de Arte Moderna
Crédito: Autor

- falta de cuidados gerais como poda, limpeza, controle fitossanitário e adubação;
- utilização indevida dos espaços, tais como: estacionamento nas calçadas, deteriorando o piso, prática de jogos de futebol nos gramados, oferendas religiosas e churrasqueiras junto aos troncos das árvores, sistema de iluminação inadequado ocasionando insegurança;
- mobiliário destruído;
- nos *playgrounds*, quantidade de brinquedos em péssimo estado de conservação, comprometendo a segurança das crianças;
- em alguns pontos, as separações feitas por tentos de concreto entre pisos e canteiros praticamente eram inexistentes. As formas orgânicas que criavam diferentes ambientes ao longo do parque e que o caracterizam estavam desaparecendo, e a leitura do projeto implantado estava cada vez mais difícil;
- construções criadas aleatoriamente, sem nenhum planejamento para sua implantação, e principalmente sem integração com a área verde do parque, tais como as ocupadas pela Comlurb, Guarda Municipal e Rio Luz;
- a presença de ambulantes, principalmente na praia;
- nas construções, onde os jardins são mais elaborados, foram encontrados pisos quebrados com remendos grosseiros, nos quais vicejavam ervas daninhas;
- lagos com água pútrida ou com lixo e mato;
- esculturas destruídas;
- um outro fato que sistematicamente vinha ocorrendo foi a realização de shows e eventos que destroem os jardins, principalmente a área onde existe um gramado em ondas, com grama em duas cores, uma das características que marca internacionalmente este jardim. Devido ao pisoteio, vandalismo e a montagem de estruturas sem qualquer preocupação e nenhum critério e respeito em preservar este patrimônio, encontramos o referido jardim de ondas totalmente destruído;
- a falta de segurança, a presença indesejável de mendigos e as ações de marginais eram um fator inibidor à utilização de várias áreas do parque.

Após termos uma conscientização dos problemas do parque, a etapa seguinte foi a de determinar as diretrizes de intervenção:

- tratamento fitossanitário para recuperar e conter as pragas e doenças na vegetação;
- recuperação dos elementos construídos e verificação das instalações hidrossanitárias;
- reposição das espécies botânicas perdidas ao longo dos anos e a serem acrescidas em espaços sem sombra, com a finalidade de favorecer a permanência dos usuários;
- locação de postos para a guarda responsável pela segurança;
- colocação de mobiliário urbano que atenda às atuais necessidades, como bancos, mesas, mesas para jogos, churrasqueiras, quiosques de alimentação e sanitários;
- recuperação das quadras esportivas existentes, oficialização de algumas quadras que vinham sendo utilizadas em áreas não-permitidas;
- criação de espaços apropriados às atuais e diferentes práticas esportivas como muros para escaladas, paredes para tênis (estes dois ainda não aprovados), pistas para skate e patinação, escolinha de trânsito, quadra de *gateball*, campo de bocha;
- enfim, foi feita uma adaptação do projeto original à realidade atual.

Para a determinação do tratamento fitossanitário, as condições da vegetação foram classificadas segundo Zamberlan dos Santos e Teixeira, em quatro categorias:

boas: quando a maioria dos elementos do grupo apresentava isenção de sinais de praga, doenças ou injúrias mecânicas e mostravam as características da espécie;

satisfatórias: quando apresentavam pequenos problemas de pragas, doenças ou danos físicos e necessidade de poda corretiva;

ruins: quando apresentavam severos danos e necessitavam de muito trabalho de recuperação; e

mortas: quando o elemento apresentava morte iminente, ou seja, estava condenado.



Foto 8 – Parque do Flamengo – Equipamentos infantis
Crédito: Autor

Quando um vegetal apresentava sintomas de anormalidade, seu material era enviado ao laboratório para identificar os agentes etiológicos da praga ou doença, e, a partir deste resultado, para a efetivação deste tratamento, eram realizadas as diferentes práticas, tais como: retutoramento, podas de limpeza, de conformação e de regeneração, aplicação de soluções fungicidas e/ou inseticidas.

Outra prática também realizada foi a dendrocirurgia, que é o tratamento das áreas lesionadas dos caules, ou dos ramos, que apresentam necrose em expansão. Tem como objetivo principal o estancamento da necrose utilizando-se fungicidas e substâncias impermeabilizantes.

Para elementos em boas condições fitossanitárias que não poderiam permanecer em seu local de origem, recomendamos os seus transplantes, e, para as árvores em estado fitossanitário irreversível e/ou mortas, a sua remoção. Foi executada também uma adubação geral no parque, cuja prescrição foi feita a partir do resultado de coleta de amostragem por trecho trabalhado.

Os dados finais do tratamento fitossanitário mostraram que foram feitas 12.798 intervenções, sendo que:

Recuperação e Revitalização do Parque do Flamengo

- 6.835 elementos foram podados;
- 269 árvores de médio a grande porte, removidas por serem irre recuperáveis;
- 33 árvores de médio a grande porte, removidas por serem consideradas espúrias;
- 2.697 elementos que obtiveram controle químico; e
- 700 dendrocirurgias.

Com o objetivo de estabelecer normas e condições para a execução das obras e serviços de recuperação paisagística do Parque do Flamengo, elaboramos um documento denominado Termo de Referência, que enfocava os serviços de fitossanidade, obras civis e acréscimos vegetais. Este documento serviu de regulamentação para as empresas executoras dos serviços, contratadas pela prefeitura.

No escopo da execução das obras civis estavam incluídas a recuperação dos diferentes pisos existentes no parque, assim como dos meios-fios, tentos, golas para árvores, bancos, mesas e a construção de novos elementos propostos: churrasqueiras, paredão para jogos de tênis, bocha, quiosques de alimentação, brinquedos tradicionais e projetados em concreto, pistas de skate, paredão para escalada e escolinha para trânsito.

A revisão, recuperação e construção das instalações hidráulicas, de esgoto e elétricas também estavam incluídas no escopo das obras civis.

No tocante à vegetação tomamos por base o projeto original da década de 60 e o Inventário Florístico elaborado em 1992. Este inventário nos apontou a existência de 10.250 exemplares de árvores, em 1992, e confrontando-o com o projeto original, constatou-se que houve uma perda de aproximadamente 6.000 exemplares arbóreos.

Tendo conhecimento dos resultados desse inventário, passamos a especificar a vegetação sob o critério definido no projeto original, que foi o do plantio em grupos, ou renques, para que se acentuasse as características de cada espécie.

Repusemos as perdas havidas onde foi possível, e nas áreas desprovidas de vegetação, em que havia necessidade, introduzimos algumas árvores.

Para efeito de coibir a prática de jogos de futebol sobre os gramados em que originalmente existiam árvores, foi necessário o plantio mais adensado em comparação à quantidade de árvores que haviam sido destruídas nesta área.

No caso de elementos sabidamente em idade avançada, ou prestes a morrer, foi recomendado o plantio próximo a eles prevendo que, quando de sua remoção, houvesse uma outra em porte maior. Este foi o caso das palmeiras *corypha umbraculifera linn*, a *talipot*.

Sob as árvores, onde originalmente existia grama, devido à sombra criada após o seu desenvolvimento, especificamos outras espécies mais apropriadas.

No desenvolvimento do projeto foi levado em consideração um percentual de perda de vegetação, por se tratar de mudas plantadas em parque público e expostas a furtos, danos e depredação.

Em resumo, foram plantados 5.439 elementos dentre árvores e palmeiras.

Como forma de dar orientação às empreiteiras que estão executando os serviços ligados à vegetação, elaboramos normas de procedimento para o plantio das palmeiras, árvores, arvoretas, arbustos e plantas



Foto 9 – Parque do Flamengo – Vista Geral
Crédito: Autor

de forração, e foram fornecidas planilhas quantitativas nas quais estão especificados os espaçamentos e as alturas mínimas recomendadas. Essas empreiteiras têm a incumbência de manter as áreas plantadas por apenas 60 dias após a entrega da obra.

É oportuna a divulgação deste trabalho, não só para mostrar o processo de sua elaboração, como, principalmente, **para ressaltar a importância da manutenção permanente do parque.**

O trabalho que está sendo realizado deverá ter continuidade por meio de sua manutenção, pois, caso contrário, todo o esforço envolvido nesta obra estará irremediavelmente perdido.